



Giovani Iemini

BALADAS SANGRENTAS

Inspirado pelo álbum homônimo de **WANDER WILDNER**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

BALADAS SANGRENTAS

GIOVANI IEMINI

uma história inspirada por

BALADAS SANGRENTAS

WANDER WILDNER

SÃO PAULO, MAIO DE 2010

1ª Edição

COPYRIGHT © 2010 BY GIOVANI IEMINI
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

BALADAS SANGRENTAS

GIOVANI IEMINI

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E DELFIN**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



A BALADA DE ALESSANDRA

GIOVANI IEMINI

Ele tragou fundo, a brasa iluminou seu rosto como Alessandra quando sorria. A saudade por ela o corroeu por horas até fazê-lo despencar para Porto Alegre atrás de sua paixão. Não conseguia tirar da cabeça todas as trepadas alucinadas, o prazer absoluto no namoro, a certeza, a despeito da opinião alheia, que aquela era a mulher da sua vida. Sua escolha magoava os pais, Alessandra não se encaixava no padrão da elite candanga a que ele pertencia. Fora humilhada, mesmo o tendo como um quixotesco defensor. Quando não aguentou mais tanto desprezo, fugiu de volta ao Rio Grande do Sul. Ele a seguiu.

Flávio prendeu o ar adocicado do cigarro no pulmão, bebeu um gole de cerveja e arrotou enquanto soltava a fumaça. Viu as horas no celular. A viagem de ônibus de volta a Brasília demoraria um século, a noite havia apenas começado.

Todo o sentimento por Alessandra, agora, havia se transformado apenas numa pálida lembrança de uma época divertida. Nada restava daquela sensação juvenil e rebelde. Aquele amor parecia mais um erro pós-adolescente do que a necessidade ansiosa que o impulsionava. Ainda não entendia bem como tudo mudara tão repentinamente. Em Brasília, mesmo com todas as dificuldades impostas por sua família, amava Alessandra cada dia mais. O desprezo que recebiam os fortalecia.

cadeira. Tropeçou com a trepidação na estrada, a lata de cerveja voou para o colo duma freira.

— Foi mal, irmã. — Nem se avexou de meter a mão entre as pernas da religiosa para resgatar a bebida.

— Me deixou molhada. — Reclamou a freira.

Ele gostou da frase, sorriu e proferiu:

— E eu fiquei duro!

— O quê? — Indignou-se a freira, os olhos crispados de escândalo.

— Não posso comprar outra cerveja, acabou meu dinheiro. — Entreviu o rapaz. — Fiquei duro. — O sorriso no canto do rosto denunciava a ironia, mas a freira resolveu deixar para lá.

— Era tu que fumavas no banheiro? — Ela perguntou com o forte sotaque.

— Sim.

— O cheiro era estranho.

— A senhora gostou? — Imediatamente se arrependeu em chamá-la de senhora. Devia ter no máximo trinta anos, o rosto bonito, magra. Estava distante da imagem de beata carola.

— Não. Não gosto de fumo.

— Nem eu. — Ele respondeu de bate-pronto.

Ela o mirou interrogativamente. A dúvida em seus olhos lhe dava uma expressão sensual, a curiosidade aflorava a fêmea que se escondia naquela roupa de pinguim.

— Eu fumo para de acabar com a... O tabaco do mundo. — Resolveu não contar que era maconha. — Assim impeço que outras pessoas fumem. É minha

maneira de ajudar a saúde pública.

Ela riu. Os olhos se encontraram, um reconhecimento mútuo de atração. A freira buscou a paisagem, tentando desfazer a impressão. Ele continuou a encará-la.

— Você é muito bonita.

— Obrigada. — Baixou os olhos para a Bíblia em suas mãos. Deveria ter dito que era para a graça de Deus, ou qualquer balela do tipo, para quebrar a tensão, mas preferiu esperar. O bonito jovem tinha um jeito diferente.

— Posso me sentar?

Antes que ela pensasse sobre o assunto, ele já pulara suas pernas e se encaixara na poltrona da janela. Ela notou o interesse em sua expressão. Gostou da descoberta.

— É casada? — Ele foi direto ao assunto.

— Não. — Ela respondeu, mas viu que aquilo permitia avanços. — Ou melhor, sou casada com Deus.

— Ótimo. Deus não é ciumento. — O sorriso cínico hipnotizava a freira, era como um convite para aventuras. — Ele não ama todos da mesma forma? Não vai se incomodar se a gente se conhecer melhor..

As reticências intuía desejos proibidos, porém os votos com a Igreja deviam ser respeitados.

— Tu estás fora de si? Não vêes que sou uma freira?

Então ele lembrou: sim, estava doidão. Acabara de detonar o baseado e a loucura batera de uma vez em seu cabeção. Primeiro, a sensação de calma, depois os pensamentos incômodos sendo substituídos por aparentes novas

oportunidades, daí a felicidade em ter esperança nas coisas. Flávio sentia que ali podia redimir-se da desilusão com Alessandra. Aquela freira tinha um jeito diferente.

— Ustê te comporte! — Ela completou, e foi como um balde de água fria. O portunhol o fez lembrar de Alessandra, ela usava a expressão ustê quando estava nervosa. A freira parecia sofrer da mesma mania.

— Ustê... Ustê... Vocês gaúchos e seu vocabulário xarope... — Flávio cruzou os braços, acabrunhado, como uma criança tímida. A voz foi sumindo como se caísse num precipício. — Nem sabem que em espanhol o correto é ustedes... Se soubessem, não falaria besteira ...

A freira sorriu, achou engraçado o mimo.

— Tu estás triste?

Flávio sorriu interiormente. Ela mudou o foco de atenção na conversa, tirou dela para ele, mostrando que havia algum interesse. Se estivesse pouco se lixando, teria ficado calada. Agora que ela havia estendido um barbante para resgatá-lo do limbo, ele o transformaria numa corda para laçar aquela presa.

— Sim. — Ele iniciou o jogo de sedução. Se mostraria abandonado e frágil, excitaria a mulher com algumas histórias sensuais com Alessandra e, por fim, quando ela abaixasse a guarda, condoída por ele, daria o bote, pegando de jeito a freirinha. Seria uma grande pontuação em seu currículo de comedor. O melhor de tudo é que ainda conseguiria expirar todos os sentimentos que ainda o incomodavam, a freira seria como uma analista terapêutica. — Ustê me faz lembrar da ex. Gaúcha também. A gente se conheceu em Brasília. — Conferiu a atenção da mulher e continuou. — No começo ela resistiu, disse que não era

certo, que não devíamos nos envolver. Eu a desejava ardentemente, todos os dias fazia um gracejo, oferecia flores, a chamava de gostosa. Ela falava que não podia, que eu devia me controlar. Um dia nos beijamos na cozinha da minha casa, ela se derreteu em meus braços, eu queria tê-la ali mesmo, mas fomos para o seu quarto.

— O quarto dela? — A freira estava bem atenta, o interesse pela história era o que Flávio precisava.

— Sim, ela era a empregada lá de casa. — A revelação poderia causar algum espanto, ele sabia, com seus pais foi um desastre. Se a freira estranhasse, ele a informaria que sempre gostou de mulheres diferentes, mas ela apenas assentiu, podia ter pressentido a brecha para outra cantada. — O lugar media dois por dois, não tinha tv, não tinha nada, mas era lá que nosso amor se concretizava. — Ele sempre quis usar aquela frase tão brega. — Eu era virgem, ela me ensinou como amar uma mulher. — Olhou de soslaio para a freira, sua atenção dobrara. Aquela mentira sempre funcionou. — Aprendi a acariciar os seios de uma mulher como o confeito que molda o mais sublime cobertura, a explorar as curvas que fazem do corpo feminino a mais fascinante visão, a me deliciar com os cheiros e sabores da fêmea excitada. — A explanação a surpreendeu, era hora do xoxo-mate. — Aprendi a chupar buceta, a brincar com o grelinho, deixá-lo molhado e inchado, pronto para ser coberto pela minha língua morna, a envolvê-lo pelos lábios e sugá-lo até que o prazer seja incontrolável. Aprendi a preencher a mulher com minhas estrovoenga encerada, enfiando a cabeça suavemente, brincando de entra-e-sai, para relaxar a xoxota, até ela pedir para eu meter até o fundo, atolando-a com meu calibre, e mexendo ritmadamente,

ora rápido, ora devagar, até notar os pequenos tremeliques na mulher, o rosto lívido, a boca fria, o completo orgasmo de satisfação. Aprendi a amar.

A freira mordida levemente o lábio inferior.

— Como se chama? — Qualquer que fosse a resposta, ele a incluiria na próxima frase para pedir um beijo.

— Alessandra.

Menos aquela. A coincidência de nomes o desconcertou. Ele não poderia dizer “Alessandra, me beija”. Havia repetido aquilo muitas vezes, não estava recuperado. Ademais, sabia que era bem possível que a freira o negasse, o joguinho que fizera para chegar ao momento do beijo era manjado. Seria sua conquista mais esdrúxula se ela cedesse, mas ele não conseguiu superar a saudade.

— Alessandra...? — A voz que sumia no precipício voltou. — *Oh, I’m a lonely boy...*

A freira o olhou inquisitiva.

— Era o nome da minha ex... A gente se amava, por ela até briguei com minha família, não queria mais saber do dinheiro do meu pai. Abandonei a vida de burguês, viagem pela Europa, caviar, todas aquelas mulheres. Queria só ter Alessandra comigo. — A sinceridade nas palavras condeou a mulher, ela percebia a desilusão do moço, além dos preconceitos e imaturidades em seu discurso. — Transávamos sempre que ela escapulia das obrigações domésticas. Minha mãe não a aceitava como minha namorada, exigia que ela trabalhasse. Eu ficava ainda mais excitado quando a via esfregando o chão ou lavando louça; chegava sorrateiro, a agarrava pelas ancas e a arrastava para algum

cômodo. Algumas vezes ela resistia, mas eu era mais forte. De noite, ela surgia no meu quarto como uma musa de poetas românticos. Fingia doçura e recato, mas logo me atacava e trepávamos como animais. — Flávio coçou o queixo, rememorando. — Era uma coisa bonita de se ver.

— O que aconteceu?

A pergunta o trouxe de volta, as belas lembranças se transformaram em nuvens tropejantes. Ele esqueceu qualquer planejamento e recomeçou a lamentar a perda

— Estávamos juntos há um ano. Ela reclamava que as coisas não estavam dando certo, que eu era acomodado. Eu não saquei nada! Morávamos praticamente juntos, ela só tinha que voltar para o próprio quarto de manhã, antes que minha mãe visse, tínhamos comida e o melhor sexo do mundo. Quando ela tinha que trabalhar, eu saía de perto para não incomodar. Acendia um baseado no quarto... — Flávio olhou para a freira. Havia confessado o vício, mesmo tentando escondê-lo para parecer um sujeito correto. — E ficava na minha, só pensando naqueles cabelos loiros, a pele branca, os seios arredondados que encaixavam nas minhas mãos, a bundinha deliciosa, o cuzinho rosado. — Olhou novamente para a freira, agora encabulado, num recato medido. — Sabe, ela era loira, dessas bem branquinhas, como você.

A freira sorriu desconcertada. De uma forma sutil, ele dizia que ela própria tinha o cuzinho rosa.

— Um dia, ela disse cansei e foi embora. Meus pais adoraram, eles a enchiam o tempo todo. Eu fui atrás dela. Resolvi viajar de carro, aproveitaria para colocar a cabeça no lugar. Joguei a mochila no maverikão e cai na estrada. Eu só pensava

nela, na tranquilidade do seu carinho, na excitação ao vê-la, no sexo... É, eu pensava muito nisso. Ela me deixava louco, um tesão incontrollável, era como se fizéssemos algo errado, como uma droga, que entorpece deliciosamente, mas é proibida e inaceitável para a pretensa moral e os simplórios bons costumes. Eu estava viciado. Resolvi: ela não me deixa mais.

— Na primeira noite *on the road*, me alojei num hotelzinho, tirei toda a roupa, fiquei pelado no quarto vendo a sua foto. Parece uma grande bobagem mas é o que eu fazia quanto tava de porre, e eu tava de porre. Pensei: eu preciso esquecer todas as coisas más que aconteceram entre mim e ustê, senão o mundo vai se acabar sobre minha cabeça e não vai haver guarda chuva para impedir que isso aconteça.

— No segundo dia de estrada, no rádio tocava um velho rock'n'roll. Fiquei pensando em como a gente segue só o nosso caminho. A vida é muito vazia, as esperanças são muito frias. Quase entrei em depressão. Dei carona pra um monte de gente para me livrar da solidão. Cada um que entrava apertava uma tora. Parece que todo caronista é maconheiro. Tudo gente boa. Eu ficava choramingando sobre Alessandra, explicando o porquê estava indo atrás dela, que ela era a mulher da minha vida... Mais ou menos como tô fazendo agora. Um rastafári me chamou de bundão, disse que eu tinha era que conhecer um lugar do caralho chamado La playa. Lá eu iria deixar de viadagem.

— No último dia de viagem, quando dei por mim, eu já não tinha quase nada daquilo que eu sentia pela minha empregada, já tinha perdido o pouco do amor até então desconhecido.

— Abstinência.

— O que?

— Tu sofreste a abstinência do teu vício pelo amor da empregada. Em poucos dias, pensando em outra coisa, já te libertastes. No fundo, tu não a amavas, apenas gostava de provocar teus pais.

A análise simplória, porém certa, o desajustou. Pensou um pouco e foi concordando com as conclusões que tirava naquele momento.

— Então. Foi por isso que não fiquei satisfeito em encontrá-la em Guadalajara?

— Onde?

— É a rua em que ela morava. Por isso fiquei tão chateado quando ela reclamou que eu não tinha mais dinheiro, apenas um carro velho, uma mochila rasgada e o Vênus.

— Vênus?

— Meu cachorro. Eu o levei no maverikão. Alessandra o odiava, reclamava que ele comia tudo que encontrava, mas, coitado, vivia com larica, eu jogava a fumaça dos baseados no seu focinho. Era o canino mais doidão da cidade.

— O que aconteceu com eles?

— Eles quem?

Alessandra sorriu. Via os olhos vermelhos, sabia que o rapaz estava chapado.

— Teu carro e teu cachorro.

— Hunf — Flávio torceu a mão no ar como se abanasse um peido. — Meu cachorro Vênus foi roubado. Deixei o vira-lata tomando conta do carro num posto de gasolina, quando voltei do banheiro, já era.

— E Alessandra?

O olhar do rapaz ficou difuso, ele respirou fundo antes de responder.

— Foi ela que me roubou.

— Por que?

— Sei lá. Nunca mais a vi. Ela andava falando sobre compensação pelo namoro desperdiçado. Quando voltei ao apartamento que ela morava, tudo já tinha desaparecido. Fiquei uns dois dias perambulando pela Farroupilha antes de resolver voltar para casa. Meus pais disseram que era o último dinheiro que me davam. E aqui estou, choramingado mais uma vez.

Flávio abraçou os ombros e afundou na poltrona, um bico se amontoava em seus lábios. Alessandra o olhou com piedade. Apesar da aparência máscula, ele era só um menino burguês e mal-criado. Nem percebia os destemperos que proferia, a falta de tato em suas ações. Se um dia amadurecesse, pois aquele tipo parecia eterno, ele quase se arrependeria das idiotices da juventude, se elas não lhe abrissem oportunidades tão curiosas.

— Onde fica La playa? — Ela perguntou. A voz estava sibilante. Uma ideia se formava.

— Sei lá. Nem sei se existe, acho que era papo de rastafári.

— Por quê?

— Eu perguntei onde ficava e ele disse: você vai saber quando chegar. — Balançava a cabeça negativamente. — Como é que eu vou saber se não sei nem em que estado fica? Esses rastafáris sacanas...

Alessandra havia entendido a metáfora, o rasta falava de qualquer lugar que fosse um refúgio da urbanidade moderna, onde a pessoa se sentisse feliz. Por

sugestão do nome, La playa, obviamente se imaginaria um lugar à beira-mar, meio anárquico, meio natureba, uma espécie de paraíso hippie. Ela conhecia uma dezena de vilas assim na região, qualquer uma seria capaz de tirar aquela melancolia de Flávio em pouco tempo. Ele era um rapaz diferente, seus defeitos eram mais relacionados à vivência que ao caráter. Possivelmente conseguiria aprender muita coisa se passasse uma temporada sozinho, sustentando a si mesmo. Cresceria, perceberia o valor das pessoas, do conforto que recebia dos pais. Já estava na hora de entender que não poderia fumar maconha o dia inteiro enquanto pensava em sexo. Ela estava decidida: daria uma lição no rapaz para ajudá-lo a amadurecer. Além de voltar a ter o dois bancos só para si.

— Eu sei onde fica.

— Onde fica o quê? — Ele continuava amuado. Nem se mexia.

— La playa. — A voz passara a ser ronronante.

Flávio bufou. E deu de ombros. Já voltara à depressão, não queria nem pensar em boas coisas, ficava ainda mais sentido ao lembrar que podia se sentir alegre também. Padecia dum cansaço que sua pouca idade não revelava, queria desistir de todos os desejos e sonhos, as decepções eram mais fortes que o qualquer prazer, o risco era demasiado. Nada conseguiria demovê-lo daquela fossa.

— Se me levar contigo, te darei o que deseja.

O ciclone nas palavras da freira oxigenou suas idéias. Até cutucou a orelha para ver se havia escutado direito. A freira estava debruçada sobre o braço entre suas poltronas, os seios roçando sobre suas mãos. Ela o acariciou no rosto e o beijou levemente. Sua ereção foi tão imediata que temeu arrebentar as calças

como o Hulk rasgava camisas. Meio desconcertado, imaginou que a novela que choramingara podia ter excitado a freira, como era seu plano original, ainda que não compreendesse como isso teria acontecido. Ele confessara tantos defeitos que não via motivo para ela se interessar.

— É mesmo? — Não se fez de rogado, agarrou os seios da religiosa e a beijou com volúpia. Ela se assustou, mas correspondeu. As línguas se enroscaram companheiras, a satisfatória sensação de identificação no beijo. Flavio quase se surpreendeu com a habilidade da irmã, mas calculou que uma freira como ela, com aqueles intumescidos seios que estavam em suas mãos, deveria praticar seus treinos nos conventos que morava. Largou o peito da esquerda para abrir o próprio zíper.

— Aqui não, querido. — Ela se afastou, limpando a boca com os dedos. Apontou para um banco à frente, em que outras duas freiras dormiam. — La playa é aqui perto. Basta descer na próxima parada e caminhar até o litoral.

Flávio mal podia acreditar. Iria possuir aquela freirinha deliciosa e ainda conheceria La playa. Do inferno ao céu numa viagem de ônibus. Era o que ele precisava para mudar seu conceito sobre o nome Alessandra.

— Onde a gente desce?... — Ele não esperou a resposta, já escorregava a mão sobre as pernas da freira. Sentiu que eram grossas e rijas, pensou na bundinha sob aquele manto: usaria calçola ou calcinha? Sentiu as bolas pesando nas calças, o tesão estava incontrolável. Passou a mão sobre a vagina, ela não se incomodou, então puxou o pano da saia. Ela permaneceu mirando fixamente as freiras da frente, a estrada, o rosto lívido porém corado.

— Logo na frente. Continue. — Ela respondeu, rouca. Havia tempo não

curtia uma escapulidela das regras. Como nunca mais veria o garoto, resolveu usar todo aquele ímpeto para reforçar o interesse, além de aproveitar para gozar uma das proibições da Igreja.

O rapaz levantou todo o pano e as anáguas até chegar à calçinha, que tinha tamanho normal. Ele teria se decepcionado, porém descobriu que as freiras não se depilavam, ao menos aquela era peluda. Adorou segurar os pentelhos como uma crina antes de iniciar uma habilidosa masturbação. Quem os visse de outros bancos pensaria que estavam apenas conversando, sem saber das ardentes atividades manuais que rapidamente levaram Alessandra ao êxtase. Ela conseguiu engolir o gemido ao retirar a mão do rapaz.

— É na próxima estação. — Sussurrou. — Desça e me espere num banco na praça em frente. — Era o momento da fisgada, decidiu agir mais sensualmente. Agarrou o membro do rapaz, que se pronunciava nas calças há muito, e o apertou com toda a força. — Vou descer depois, não devemos ser vistos juntos. — Piscou e empurrou os olhos em direção às outras freiras.

Ele concordou. Voltou à própria poltrona, reuniu suas coisas, olhou pela última vez para a freira Alessandra e foi para a frente do ônibus avisar ao motorista que iria ficar na próxima cidade.

Mesmo antes de ele descer, Alessandra já se esparramava pelas duas poltronas que seriam suas novamente durante a longa viagem. Quando Flávio percebesse que ela não iria acompanhá-lo, já seria tarde demais. O ônibus estaria longe. Como ele dissera que estava duro até para uma cerveja e que os pais não lhe dariam mais dinheiro, só lhe restaria batalhar para sobreviver. Seria sua chance de evoluir. É claro que seria uma lição difícil, que exigiria

reflexão para perceber que os ganhos seriam melhores que os sacrifícios. Ele dissera que gostava de loiras, quem sabe também não encontrasse um novo amor durante seu estágio de vida real?

Alessandra ainda o viu através janela, em pé na praça, observando o ônibus se afastar, antes de cochilar. Estava entediada das lamentações amorosas do rapaz, foi bom se livrar dele. Satisfeita pelo deleitoso pagamento por sua ajuda, torceu para que a artimanha fosse útil.

Talvez, no final de tudo, ele não a considerasse mais a freira desalmada que o sacaneou e admirasse sua atitude. Talvez ele a odiasse pelo resto da vida. Ela só sabia que para sempre seria lembrada.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br